Ano III (Segunda epoca) — *Sabado, 21 de Março de 1908.* — Num 10.

A LUCTA PROLETARIA

Órgão da Federação Operaria do Estado de S. Paulo

A EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES DEVE SER OBRA DOS MESMOS TRABALHADORES.

ENDEREÇO: CAIXA DO CORREIO 580
SÃO PAULO (Brasil

OPERARIOS: SOMOS PEQUENOS PORQUE ESTAMOS DE JOELHOS. LEVANTEMO-NOS.

Aux journaux ouvriers de l'extérieur

Nous prions tous les jornaux ouvriers de nous faire le service d'échange de leurs publications.

Adresser tout ce qui concerne ce journal à

LUTA PROLETÁRIA
Caixa Postal 580
S. Paulo—Brésil.

ESPEDIENTE

Condições de assinatura:

1 mez	$500
3 mezes	1$500
6 „	3$000
1 ano	6$000

A todos os jornaes operários pedimos a remessa de um esemplar para a redàção.

O encarregado do jornal pode ser encontrado na nossa séde todos os dias das 8 ás 4 e das 7 ás 9 da noite.

Os companheiros do interior que tenham possibilidade de organizar conferencias de propaganda podem contar com a cooperação do nosso redàtor: basta avisar-nos com alguns dias de antecedencia.

Toda a correspondencia para a *Federação Operaria* deve ser dirijida á CAIXA DO CORREIO 580.

O nosso Congresso

Entre os nomes das sociedades que já aderiram ao 2.º Congresso Estadoal, publicados no numero passado, saiu, por engano, a Liga dos Pintores de S. Paulo. Esta Liga não aderiu ao congresso, portanto retificamos a publicação anterior.

TEMAS

E' necessario que as organizações continuem na atitude de completa neutralidade em frente dos partidos politicos?

LIGA O. DE CAMPINAS, FEDERAÇÃO OPERARIA
Relator: *Julio Sorelli.*

E' util que as Ligas façam propaganda antirelijoza?

FEDERAÇÃO OPERARIA
Relator: *Pylades Grassini.*

Quais os meios mais praticos para dezenvolver a propaganda de organização operaria?

FEDERAÇÃO OPERARIA
Relator: *Espartaco.*

E' conveniente que as organizações operarias procurem dezenvolver a propaganda antimilitarista por todos os meios ao seu alcance?

SIND. DOS PEDREIROS, SANTOS.
Relator: *Luiz La Scala.*

Qual deve ser a atitude das organizações operarias nos cazos em que as arbitrariedades das autoridades cheguem ao auje?

SIND. PEDREIROS, SANTOS.
Relator: *Luiz La Scala.*

Haverá necessidade de mediação entre as Federações Locais e Estadoais e a Confederação Rejional Brazileira?

SIND. DOS FUNILEIROS, SANTOS.
Relator: *José Louzada.*

Será util a criação duma universidade popular para educação do proletariado?

SIND. DOS FUNILEIROS, SANTOS
Relator: *José Louzada.*

Sera util a distribuição de subsidios em cazo de greves.

LIGA TRAB. EM MADEIRA S. PAULO
Relator: *Vittorio Garelli.*

Trarão algum rezultado as diversões de propaganda no seio das associações de classe?
Em caso afermativo quaes escolher de preferencia?

LIGA OPERARIA DE CAMPINAS.

Qual é o meio mais pratico para garantir a vida dum orgão defensor da classe?

LIGA OPERARIA DE CAMPINAS.

Continuaremos publicando os temas logo que nos forem remetidos, pelas Ligas aderidas, pedimos, novamente, a maior urjencia para dar tempo de serem conhecidos e discutidos antes da abertura do Congresso.

Nós e êle

Un sujeito que tem levado ao auje aqui em S. Paulo a mà-fé ou a mais supina ignorançia em tudo que se refere a nós, ás nossas ideias, ao nosso movimento quiz, no sábado passado, dar mais uma prova da sua desfaçatez — como se não bastassem as que até aqui nos tem dado; — e, falando sobre o cooperativismo operário, atribuiu-nos ideias que nunca tivemos, que nunca teremos por estarem em contradição com a nossa àção, com o nosso método de luta.

Disse êle que nós, sindicalistas, afirmamos ser a mizéria uma ajuda para a evolução da classe proletária e que os operários são mais estimulados á luta quanto mais mizeráveis forem as suas condições, as condições das suas familias. Nunca mentira mais descarada foi lançada á face dum auditório, nunca uma provocação foi tão cobardemente dirijida a adversarios. O tal homen mentiu, mentiu sabendo que mentia ofendeu-nos, e sabia que punha em pratica um plano pulha.

Nós — e êle não o deve ignorar — nunca fomos partidàrios destas teorias; pelo contrário, combatemo-las, combatê-las-emos sempre, e dezafiamos estes tipos a que publiquem um período, uma fraze nossa onde seja manifestado qualquer apoio ás ideias que hoje nos são velhacamente atribuidas.

Mais: a nossa àção de todos os dias é a mais patente demonstração da ignorancia ou da má-fé dos nossos caluniadores.

Aconselhando aos companheiros de trabalho o agrupamento em volta das suas associações de classe, sabemos que com este meio êles podem melhorar as suas condições económicas e morais, e portanto ajudamos, dezejamos o dezaparecimento da mizeria embrutecedora, porque sabemos que a necessidade, a má condição de vida torna os operários cobardes, submissos faz com que êles se contentem com uma cõdea de pão que os patrões lhes atiram como se atira um osso a um cão.

As classes mais concientes, as que mais trabalham pela sua emancipação, as que se acham em primeiro logar na hodierna batalha de interesses, são precizamente as mais instruidas, os que melhor podem satisfazer as suas ezijencias fízicas e morais. Isto bem o sabiamos nós e por este facto mesmo tentámos e conseguimos em S. Paulo a jornada de 8 horas, que diminui a dezocupação, diminui a mizéria e proporciona-nos um maior espaço de tempo para dedicar aos interesses da classe, á nossa educação — coizas àliás impossiveis desde que a fóme, a mizéria da nossa familia nos viesse tirar as enerjias, enfraquecer a nossa constancia na luta.

E isto temo-lo repetido sempre, temo-lo demonstrado aos nossos camaradas, todas as vezes que a necessidade da propaganda, as ezijéncias da luta nos têm posto em condições de dirijir-lhes a nossa palavra por escrito ou verbalmente.

Protestemos, portanto, por o homenzinho se ter atrevido a falsear as nossas ideias e conosco protestarão os que conservam a sua dignidade, a sua conciencia; os quais, nossos adversários ou não, com certeza não admitem que se deva uzar para combater modos de pensar de meios tão indignos e nauzeantes.

Aproveitamos agora o ensejo para pôr duma vez para sempre as coizas no seu verdadeiro lugar:

Nós, operários, devemo-nos esforçar, devemos ajir no sentido de melhorar as nossas condições, aproveitando do pouco que com a nossa força, com a àção direita podermos, arrancar das mãos dos nossos algozes: isto despertará em nós, em nossos irmãos embrutecidos hoje pelas privações e pela mizéria, o dezejo dum estado melhor de vida, criará para o nosso estado fizico e moral novas necessidades, necessidades que procuraremos satisfazer por qualquer meio, até chegar ao verdadeiro estado social, em que a mizéria será uma triste lembrança do passado, em que todas as necessidades da vida economica e social serão facilmente realizadas.

Fora da igreja não ha salvação

No n.º passado da «Lucta Proletária» li um artigo onde o autor critica a rezolução da assembleia realizada no dia 5 de março, por nela terem prevalecido ideias que não são do seu agrado. Pelo que compreendi, o companheiro Chiodi, dezeja que os Sindicatos e «A Lucta Proletaria» se preocupem sòmente com atrair operários para pagar as suas quotas e... tudo está pronto, tudo está conquistado. O resto é fazer politica!

Segundo o companheiro, os operários só devem tratar da questão económica; não devem combater o militarismo e a relijião, e pouco lhe faltou para dizer que não devem combater a burguezia, mas esperar do parlamento o maná salvador.

Mas os companheiros mais àtivos não pensam assim; em todas as reúniões, resaltam enerjicos e convincentes, defendendo os seus direitos, que lhes são alienados. Ora para defender estes direitos é precizo lutar contra a burguezia, contra o estado contra o militarismo e contra a relijião, numa palavra, contra todos os inimigos que se encontram nesta maldita sociedade; é, pois, necessario declarar-lhes guerra sem quartel.

Para combater um é necessario combater os outros. Quem sustenta a burguezia na sua opulencia? quem lhe garante o roubo legalizado chamado propriedade? O estado! Quem lhe garante as suas fábricas, quando os operàrios para melhorar a sua situação reclamam menos horas de trabalho e aumento de salário? quem proteje os crumiros que nos atraiçôam?

O militarismo! Quem propaga a submissão? quem nos tem na mais profunda ignorância, aconselhando a obediencia aos nossos superiores? quem traz a discordia às nossas familias, dezonrando as nossas mulheres, irmãs e filhas? Os padres! portanto a relijião. A relijião é, pois, nossa inimiga, é amiga dos burguezes.

São quatro os inímigos que nós, operarios, devemos combater com todos os meios que estejam ao nosso alcance, porque são uma classe de parazitas que nos esploram e oprimem.

Quanto ao artigo 5 das bazes de acôrdo da Federação, a concencia operária está a cima de todos os artigos e de todos os regulamentos; e se combater os nossos inimigos que põem em risco a nossa vida é fazer politica, nos fazemos politica operária.

S. Paulo 17—3—1908

ACRACIO FFANCO

Centro Operário Instrutivo

Estão sendo distribuidas por este centro umas circulares para serem preenchidas pelos operarios que desejam fazer parte de mesmo. E' esta, e ninguem o ignora, uma das melhores iniciativas e merece todo o mais franco apoio por parte dos nossos companheiros de trabalho. Todos, portanto, devem interessar-se porque o centro consiga ter um grande numero de aderentes, distribuindo as circulares entre os amigos e colegas de oficina afim de obter a sua adezão. Na nossa redação podem ser procuradas as Circulares do Centro.

As bazes do acôrdo sindical

Para garantir a natureza do sindicato e manter, no terreno da àção, a união entre os trabalhadores salariados, bazeia-se o agrupamento operário de rezistencia nestes principios:

1.º *Independência* do sindicato, agrupamento de classe, grupo de àção ligado pelo interesse, em frente dos partidos associados por uma ideia e composto de individuos de classes diferentes.

2.º *Ação direta*, própria do sindicato, com os seus meios próprios; a qual não vai de encontro a nenhuma doutrina, porque todos os individuos ou grupos a aceitam, em maior ou menor grau.

Em frente de *todos* os agrupamentos de ideias, ou contra êles, o sindicato não faz mais do que defender a necessidade *primordial* da sua ezisténcia e àção. A doutrina, por assim dizer, « oficial » do sindicato é... a sua autodefeza! Nem se concebe um partido, um organismo que não se defenda, que não creia na importancia própria, que não confie em si mesmo! Quando não se defende nem crê em si é porque não tem autonomia, sente a influéncia de interesses estranhos e afasta-se do seu fim essencial (que para o sindicato é a àção, direta e autónoma, de rezisténcia).

No sindicato, o acôrdo faz-se principalmente sobre o terreno da àção. Para o verificar práticamente bastarà observar um momento de ajitação intensa: todas as tendéncias se armonizam na defeza dos interesses comuns.

Mas se é o interesse, a necessidade que move o homem, também é certo, que só o move quando êle sabe ou julga saber como satisfazê-la: do contrário, é àção inconciente e improficua. Daí as diverjéncias quanto a processos, métodos ou escopos.

Daí no seio da classe operária, dentro da àção direta, concepções e tendéncias diversas, vindas dos diversos temperamentos e habitos.

Em linha geral, há os *reformistas*, que restrinjem a àção do sindicato á pequena vida corporativa, amam o mutualismo, as caixas fortes, o número, o funcionalismo, e preferem os processos conciliatórios; e os *revoluccionários*, que hoje só vêem de importante a àção, procuram evidenciar, tornar franco o antagonismo de classes e acentuar a tendéncia para a abolição das classes e a reorganização da oficina pelos próprios trabalhadores emancipados.

Os revolucionários acham que o sindicato tende para a espropriação da riqueza social em proveito de todos e tratam de dar conciencia dessa tendéncia, portanto acelerà-la. Com efeito, desde que o operario deixa de ser rezignado e crumiro e aceita a luta contra o patrão, nunca mais pode parar — senão na emancipação própria.

O seu ideal ou vaga aspiração passa á ser um melhoramento contínuo. Se o sindicato tivesse como fim principal um dado grau de bem-estar arrancado ao patronato (que subsistiria), o sindicato dissolver-se-ia, apenas alcançado esse ponto; ou estagnaria, perdendo o seu carater. Mas a esperiencia e a propaganda revolucionária mostram que a luta confinada nos limites marcados pelo capitalismo não tem saìda, a não ser pela supressão do capitalismo. Arrastado nesta corrente, o opérario (mesmo não tendo modificado no todo ou em parte as suas ideias políticas e relijiozas) é levado a ver no patrão um intuzo, a contestar-lhe a autoridade na oficina, a reivindicar para si a injeréncia nela, a pensar, mais ou menos concientemente, na reorganização da oficina pelos proprios trabalhadores, sem pensar muito (ou pensando errado, segundo os revolucionários) na forma

politica que possa ter então a sociedade, ou que a reorganização da oficina possa determinar....

E assim, neste ponto, cabem várias aspirações politicas... O que porém, une, sobretudo, as várias tendéncias, é a àção: os reformistas vêem nela um fim immediato; os revolucionários querem-na pelo seu valor educativo.

Mas essa *baze de acôrdo* não impede, convém repetir, as diverjéncias de opinião; seria deplorável que as impedisse. As opiniões são sinal de vida sincera e real. Mas, por isso mesmo, é precizo reforçar aquela baze de acôrdo, com outra; dar ao acôrdo outra baze. Se uma é a *àção direta e autónoma*, seja a outra a *tolerancia* na manifestação de opiniões, na propaganda. O operariado, frustrado do direito ao saber, sob o pêzo duma fadiga brutal, e procurando ao mesmo tempo conquistar o direito á vida integral, á civilização, ao bem-estar, elevarse á conciencia da sua força, preciza, mais do que todos, dêsse rejime fortificante de livre discussão e de tolerância.

Demais, como ficsar limites á propagandá, que, aliás, não envolve a responsabilidade coletiva? Como ficsar limites ás opiniões que se podem mover dentro do programa da *autonomia sindical* e da àção direta? Uns são mais moderados e apontam o sindicato até onde êle deve ir; outros querem alargar a àção e os horizontes do grupo sindical.

Tudo varia segundo os temperamentos, a educação social e as circunstancias do meio.

Assim, se é verdade, como afirma o companheiro Chiodi, que a voz dum seu amigo foi sufocada numa assembleia, é justo o seu protesto.

Mas Chiodi e seu amigo queriam ficsar limites arbitrários á espozição de ideias no sindicato.

E' justo que a àção essencial do sindicato seja económica, girando em torno da oficina, e, que tudo lhe seja subordinado. Mas onde pára essa àção? E porque de[illegible] parar arbitráriamente num ponto?

Tratou-se, na *Luta*, de antimilitarismo. Não pode um sindicado, e, como tal, considerar o militarismo como um pezado imposto que ofende os interesses económicos do operariado, como um terrivel, o mais terrivel inimigo na luta económica, um dezorganizador do sindicato?

Falou-se de anticlericalismo. Concordemos que á relijião não se preste especial atenção nas nossas tribunas corporativas, que não se ocupe espaço com discussões desse género. No fim de contas, uns servem-se das ideias relijiózas para defender, outros para atacar a escravidão; uns interpretam o Evanjelho pró, outros contra a liberdade; e o Cristo... é reclamado por todos os partidos.

Mas, quanto á Igreja, já o cazo é um pouco diverso; pode muito bem haver quem, no sindicato, e sem sair do seu programa de *autonomia* e *àção dirèta*, considere a Igreja como uma classe patronal, privilejiada, ferozmente inimiga do sindicato, fabricadora de crumiros e de ligas de crumiros.

Demais, antimilitarismo e anticlericalismo são pontos comuns á todas as escolas socialistas; e o companheiro Chiodi, socialista, acuzando, por isso, a *Luta* de « anarquismo », mostra apenas as suas prevenções contra o anarquismo, mas não o seu amor á neutralidade. Senão, devia acuzá-la de « socialismo ».

Não ha, aqui, o perigo de monopolizarem os anarquistas o jornal ou de impôrem ao sindicato, como oficial, o anarquismo; mas menos o haverá, se os *outros* operários tomarem parte àtiva na vida sindical e na propaganda. Assim o amigo Chiodi pergunta porque não trata a *Luta* de mutualismo.

Mas quer então impôr aos outros os assuntos, que podem não estar nas suas preferencias ou capacidades? Porque não trata disso o amigo Chiodi? Decerto, na *Luta*, sujeitos todos igualmente á tirania do espaço, todos têm igual direito a êle...

Quem sabe? talvez até o Sorelli, para mostrar a sua imparcialidade e tolerância, fosse imparcial..... contra nós!

E. F.

Porque não compras a farinha de Matarazzo?

Porque êle não teve péna dos nossos irmãos e nós não devemos gastar os seus produtos.

O MOVIMENTO EM S. PAULO

Greve de Metalurjicos

Os Srs. Craig e Martins proprietarios da oficina mecánica e fundição da rua Monsenhor Andrade, provocaram nestes dias a greve dos seus operarios.

Esta provocação indigna, velhaca, indecente, tem para nòs, para todo o operariado, uma importancia estraordinaria.

E' conhecido o despertar que nestes dias se tem verificado na classe dos operarios metalurjicos de S. Paulo, e devem-se procurar as cauzas que orijinaram o atual movimento.

Quizeram os patrões opôr-se a esse despertar dos operarios, quizeram impedir a formação da sua liga de rezistencia, que é para êles uma verdadeira ameaça - e é natural que seja assim - e tentaram cortar a arvore pela raiz, procuraram amedrontar os operarios com uma medida odioza, injusta, provocadora

Na ocazião do pagamento, na tarde de 14 do corrente, foram despachados da fabrica 5 operarios dos mais àtivos os mais concientes e enerjicos entre todos.

Nenhuma razão havia para justificar tal procedimento, nenhuma desculpa podiam os patrões aduzir em justificação da sua deliberação.

Estes operarios foram postos fòra da fabrica sem motivo, unicamente por ter iniciado na fabrica a propaganda da organização, foram lançados à rua, como se deita fóra um traste que jà não serve para lhes fazer compreender que não tinham o direito de pensar que não deviam associar-se e que os patrões alem de uzufruirem o fruto do seu trabalho, tinham direito á injerencia nas àções dos operarios fòra da fabrica.

Depois esperaram êles o rezultado desta medida. "Se os outros operarios ficarem calados. pensaram, se voltarem cabisbaixos para a oficina, sem se importar com os que ficam de fora, tanto melhor: isso virá patentear o seu estado de submissão e poderemos, sem receio nenhum, ajir contra eles todos como melhor enterdermos. Se reajirem - e isto é o qne mais os amedrontava - se se declararem em greve, vence-los-emos: ao nosso lado estarão como sempre, os nossos queridos amigos.»

Mas... "o homem põe os outros dispõem," poderiamos dizer, parodiando o velho ditado.

De facto, os operarios fundidores de Craig & Martins abandonaram totalmente o trabalho, por solidariedade com os companheiros cobardemente vitimados e os patrões vêem diminuir dia a dia as suas esperanças de vitória.

Numerozas teem sido as assembleias reálizadas pelos grevistas, diariariamente nesta semana e de todas teem éles saido dispostos a impedir por qualquer meio a áção dos traidores, afim de que seja garantida a vitoria á sua cauza.

***

A' ultima hora, informam-nos que aderiram ao movimento as outras categorias de operarios: torneiros e mecanicos.

Estão portanto avizados os metalurjicos daqui e do interior para não aceitarem trabalho na casa Craig & Martins

Quem o aceitasse seria um crumiro, um traidor, um ser desprezivel, um ladrão do pão de seus companheiros de trabalho.

Em todo o caso saibam os grevistas que *têm todo o direito* de reajir contra qualquer ladroeira: digam lá o que querem os burguezes e os seus lacaios.

Os chapeleiros

Cooperativa de produção

Companheiros:

Como foi deliberado na ultima assembleia dos acionistás, no dia 20 de Fevereiro, o conselho, tendo acabado a redação dos estatutos e regulamentos, faz apêlo a todos os acionistas efétivos que já pagaram a primeira quota, para comparecerem á reunião do dia 23 do corrente - segunda feira, - que se realizará nos locais da "União", Largo do Riachuelo 26, ás 7 e meia horas da noite, para se discutir os mesmos estatutos, artigo por artigo.

Companheiros:

A cooperativa entre a classe de chapeleiros de S. Paulo, é já um facto real: já está pronta a instalação de 3 caldeiras para "fula" e todo o reparte de "apropriagem."

Após a aprovação dos estatutos começaremos a trabalhar com o pessoal átualmente desempregado em virtude das grevas nas cazas Matanó, Serrichio & Cia. e M. Villela & Cia.

Já não valem as observações interessadas de pessimistas; a cooperativa não tem o objétivo — como alguem quiz insinuar — de absorver o trabalho privado: quer ser e será uma arma potente nas mãos dos trabalhadores para se defenderem contra as prepotencias dos capitalistas.

Não vos fazemos novo apêlo porque a cauza da fabrica social por si sò se recomenda.

O Prezidente
ANTONIO DE OLIVEIRA
O Secretario
H. DA SILVA LEMOS

São Paulo 19 -- 3 — 1908

***

O Conselho da cooperativa é convocado para sabado, 21, ás 7, 30 h. no local da Cooperativa: Rua das Palmeiras 149.

Pedimos aos companheiros que não faltem.

Os tijoleiros

Na assembleia que os operarios tijoleiros realizaram no dia 15 em Conceição dos Guarulhos, foi dada por acabada a pendencia ezistente entre aquêle sindicato e o proprietario de olari aPietrangelo Jannitelli.

Este senhor pretendia rezistir às ezijencias do Sindicato e em quanto os outros proprietarios jà tivessem cedido e aceitado por completo a nova tabela, êle continuava zombando dos operarios; inspirado pelo filho Tomazino — que era secretario da sociedade dos patrões, dissolvida por ocasião da greve — recuzava-se a aceitar o seu antigo operario Giuseppe Rossi, secretario do sindicato. Alem disso, sempre por instigação do filho, mandou-o intimar pelo delegado de policia da Penha, que o conservou detido no xadrez por algumas horas.

Mas afinal teve o Sr. Jannitelli que abandonar a sua soberbia, as suas veleidades de vitória, e compareceu á reunião do "Sindicato dos trabalhadores em Olarias" na qual declarou que dezistia de todas as suas ezijencias, qne aceitava os preços da nova tabela e readmitia ao serviço o operario Rossi e todos os antigos trabalhadores. E saiu da reunião quazi chorando, convencido de que deante da união e da solidariedade operaria não ha força que valha.

A assembleia acabou no mais sincero entuziasmo.

Foi pelos operarios enviado um voto de agradecimento aos companheiros "Transportadores de Tijolos" pelo valioso apoio prestado á sua cauza e que muito contribuiu para esta bela vitòria.

A Boicottajem à casa Matarazzo

Para escolher os meios mais praticos para levantar novamente esta iniciativa se efetuará — como é annunciado em outra seção do jornal — uma reunião geral de todas as comissões dos sindicatos de S. Paulo no dia 23 do corrente as 7 e meia da noite.

Para esta sessão pedimos o comparecimento de todos os que se interessam pelo nosso movimento e que podem dar a sua cooperação pelo bom rezultado da boicottajem.

A FEDERAÇÃO OPERARIA.

Marceneiros! dormis?

Companheiros, se eu não me engano, já vos haveis esquecido da *boicotajem* á fábrica de moveis daquêle canalha de Joaquim dos Santos Malta, um homem que ouzou (em sua casa porém) ofender-nos com palavras que podem muito bem ser applicadas a êle mesmo.

Consta que na sua oficina ha operários vindos de *Manáus* e que êle procura operários que desconheçam a lingua do paiz, para que não sejam atraídos pela propaganda que a liga lhes faz. Eu creio porém que se isto for verdade, não é razão para nos pormos a dormir, deixando-o em paz como se nada tivesse acontecido. Pelo contrario. Portanto, é necessario empunhar novamente as armas contra este desprezivel patife, que faz e tem feito tudo quanto podia, para danificar a conquista feita pela nossa classe. A vós todos companheiros, recomendo que não deixeis de ajir contra este tipo, até que êle volte a fabricar gamelos, como fazia na sua terra.

E' precizo fazer o possivel para convencer estes novos operários. sejam êles chinezes ou árabes, a saír daquêle prezidio, e para o conseguirmos contemos-lhes todas as infámias que este canalha cometeu contra os operários que têm trabalhado com êle ou para êle.

Lembrai-vos ainda mais uma vez que os únicos crumiros que se conservam fieis ao seu algoz desde que a fábrica foi boicotada são: Fioravante Fernandes e Cimbro Flandoli.

UM MARCENEIRO

Os transportadores de tijolos

Os socios do "Sindicato dos Transportadores de Tijolos" reunidos em assembleia geral no domingo, 15 do corrente, deliberaram pedir um aumento de tarifas pela condução de tijolos das olarias a S. Paulo.

Apoz muita discussão foi aprovada a prezente tabela de preços, qne serà comunicada a todos os proprietarios de olarias e a todos os demais interessados e começará a vigorar no dia 1 de Abril prossimo. Ei-la:

Olarias da Corona, Pary, Varzea, Cutumby: por cada milheiro de tijolos	5$000
Tatuapé; idem	6$000
Maranhão. Penha, Ponte Grande da Conceição: idem	8$000
Alem da Ponte até Carapeta; idem	9$000
Até a Baveta; idem	11$000
De Carapeta a Guerino Brota; idem	10$000
De S. Miguel; idem	12$000

As telhas serão pagas a 4$000 mais sobre esses preços de tijolos: e isto de qualquer ponto.

O pagamento deverá ser feito o mais tardar até ao dia 8 de cada mez e por inteiro.

A COMISSÃO

AI SARTI

Cari compagni,

Questa volta voglio dirvi due parole anch'io che sono come voi un operaio sarto.

Eppure, vedete io mi vergogno di appartenere a questa classe, e quando sento gli operai di altre categorie dire che noialtri sarti di S. Paolo, siamo la classe più stupida la più incoscente di tutte io divento rosso dalla vergogna e mi sento rodere da una rabbia che poi non posso sfogare. Perchè quelli che così parlano hanno un milione di ragioni, perchè effettivamente i sarti di S. Paolo sono degli uomini che meritano di essere derisi da tutti gli operai. Per ben due volte si è fondata la nostra società e siamo sempre allo stesso punto.

Anche ora il Sindacato dei Sarti è vicino a morire. Perchè? Per colpa nostra, per colpa di tutti i sarti di S. Paulo che non se ne interessano, che non vengono alle riunioni, che hanno paura di spendere 1$000 al mese per la Lega mentre ne sciupano tanti di più per cose di nessuna utilità, anzi nocive per la loro salute e per la loro dignità.

Ed i pochi coscienti che han fatto tanti sforzi per vedere di svegliare i loro compagni da questo sonno da marmotte sono ridotti al punto di doversi vergognare — come mi vergogno io — di appartenere alla nostra classe. E dire che in tutte le parti del mondo e anche nelle altre città dello Stato come Santos, Càmpinas, ecc., i sarti non sono così pusillanimi come noi, al contrario, essi vanno insieme ai loro compagni, sono uniti ed hanno perciò diritto a tutto il rispetto dei buoni operai.

Ma, ditelo francamente, dovià durare sempre così? Saremo sempre noi gli ultimi, i derisi e criticati da tutti?

No, cari compagni, sarebbe troppo vergognoso. Animo dunque, un po' di buona volontà una volta per sempre.

Sentite compagni: lunedì 23 alle 7 e mezzo di sera c'è una riunione della nostra classe al Largo Riachuelo n. 7-A. Se non venite, se fate i sordi il « sindacato dei sarti » di S. Paolo dovrá cadere per la seconda volta e allora...

Allora caliamoci il cappello sugli occhi e diamo le nostre dimissioni da uomini. E gli altri operai di S. Paolo ci rideranno sul muso, e i sarti continueranno ad essere come ora degni di ridicolo.

ENRICO R........
Operaio sarto

Um conto que parece uma verdade

Um amigo (algum pándego, pela certa) envia-nos este conto, que diz ter aprendido com o avô, quando era pequeno, mas que, se se colocam nos lugares dos cinco homens da fábula uns tipos da sociedade àtual, que todos conhecemos, o tal conto fica uma verdade indiscutivel.

Aqui está:

Um homem achou uma vez um tronco de arvore, que a tormenta tinha lançado atravez da rua.

Levou-o para caza e com êle fez um banquinho para sentar-se.

Tinha apenas acabado de reduzir o tronco a um conveniente assento, quando apareceu na choupana um homem bem trajado, de luvas nas mãos, que lhe diz arrogantemente:

— Levante-se daí, porque esse banco é meu.

O outro protestou e disse-lhe que, para fazer o banquinho, tinha trabalhado muito tempo e que não estava para cedê-lo.

O homem das luvas enfureceu-se e disse ao outro que era um ladrão, porque tinha roubado a arvore que era sua, tendo nacído nas terras de sua propriedade. Falou de direitos, de propriedade, de herança e de tantas couzas, que o outro nem compreendia; e, por ultimo, puxou do bolso uma grande papelada onde estavam escritas muitas historias, para concluir que êle, homem das luvas, era o dono do banquinho.

Verdade seja que a tal papelada tinha sido escrita por êle mesmo e, como é natural, dizia o que a êle mais convinha.

O pobre homem ficou algum tempo com a cabeça cheia de palavras que nunca tinha ouvido, e já começava a perguntar a si mesmo se o tal das luvas não tinha razão (estava escrito em cima do papel) e se o banquinho não era realmente dêle.

Então, entraram na cabana mais dois homens que tinham estado escondidos atraz da porta e um dêles começou a martelar aos ouvidos do homem, dizendo que era melhor entregar o banquinho, que devia preferir sentar-se no chão, porque um dia muito distante, seria recompensado destes padecimentos.

Diz que um outro senhor, muito mais rico, muito mais poderozo, um dia o levaria para junto de si, se agora se rezignasse a sofrer.

O outro homem, o que tinha entrado por ultimo, puxou logo de uma garrucha e gritou:

— Se tu não entregas immediatamente o banco, mato-te!

Tudo isto acabou por convencer o pobre homem de que o banquinho, embora o tivesse feito, não lhe pertencia, e deixou que os tres individuos o levassem, e estes sairam rindo e decidiram servir-se do banco em sociedade. Porém um outro homem que tinha prezenciado a cena, escondido atraz da choupana, logo percebeu que os tres gatunos se tinham aproveitado da ignorancia do pobre homem para roubar-lhe o banco; entrou na cabana e procurou esplicar-lhe que êle tinha sido vitima dum furto e que o banquinho lhe pertencia por esta razão: que o tinha construido.

Mas o outro não quiz saber de nada. Estava convencido pelas palavras do homem das luvas e pela sua papelada atraido com a esperança de que um dia devia ir para a companhia dum senhor muito poderozo que o recebería como filho, tinha medo da garrucha do ultimo dos tres individuos e não quiz escutar o que o outro estava falando—pelo contrario, como êle continuara falar, pô-lo fóra da porta a pontapés, dizendo: Vae-te embora; tu és meu inimigo. O outro não ficou enraivecido, não reajiu; sentou-se lá fóra e disse: Coitado, êle não tem culpa!»

Eis o conto. Não vos parece que o *nosso amigo* tinha razão?

Na Central

Dá «Folha do Povo» jornal que apareceu, ha dias, pela primeira vez no bairro do Braz recortamos:

« Narremos o facto que é simples: NAS OFFICINAS DA E. DE F. CENTRL DO BRASIL NÃO SE PAGA AOS OPERARIOS HA DOIS MEZES E TANTO!

Não pagam aos operarios e nem ao menos lhes dão o pobre consolo de uma simples explicação do motivo desse atrazo. E' trabalhar p'ra'li e receber quando os chefes muito bem entendam. Precisam de dinheiro para satisfazer os seus compromissos? Que se arranjem como puderem, que elles nada tem que ver com isso.

E é assim, e é dessa fórma, é com esse pouco caso que esse senhores tratam os que com sacrificio procuram ganhar fatigosamente com que ir arrastando a vida.

Não ha verba para esse fim, dizem do Rio. A verba esgotou-se.

Ah! boa gente! Não ha verba para pagar aos que trabalham, para os que vivem com a miseria que lhes dais em troca dum trabalho mortifero, mas a verba para as ostentações, para os banquetes, para as vossas orgias, não é verdade, senhores directores dos interesses da nação?

Não ha dinheiro para pagar aos operarios, mas ha para fazer politiquice, para os regabofes dos parasitas do povo, não vos parece, caros senhores?

Estamos convencidos de que tudo isso é supportavel, todas estas infamias são teleradas emquanto houver quem as tolere. Mas essa tolerancia não durerà sempre, e então as coisas mudarão de especto.

Voltaremos ao assumpto. »

O QUE DIZEM AS MAQUINAS

Crepita o carvão na fornalha; ferve buliçoza a aguà na caldera; oprime o vapor o embolo; o embolo empurra a biela; a biela move o eixo; o eixo faz jirar o poderozo volante, e em quanto a máquina ruje como monstro fatigado, a correia sem fim põe em movimento outros eixos e outras rodas, outras correias e outras máquinas. A industria marcha, a produção aumenta, o operàrio trabalha.

Que belo poder o da intelijencia humana! À sua ordem multiplica-se o movimento e surjem o calor e a luz.

Mas, ai! ainda poude a màquina dizer ao operàrio:

— Não te orgulhes. Em nada te diferenças de mim. Instrumento de trabalho como eu, o teu estómago, como a minha fornalha o carvão indispensavel, só recebe o alimento estrictamente suficiente para que continues dezempenhando a tua função mecànica. Sou um istrumento mais apreciado do que tu, porque como tu ha muitos e custas menos. Quando me gasto, tiram-me; quando te gastas, abandonam-te. E' o mesmo; o mesmo não: pior; porque a tua unica vantajem, a intelijencia, converte-se então em desvantajem, para ti; a conciencia do teu valor passado serà teu tormento. Tu produzes, como eu; como eu, produzes para os outros — não para ti. Ambos erguemos riquezas que te pertencem e que nunca desfrutas. Operàrio: apoderate de mim; arranca-me dos braços do velho capital; e teu cazamento comigo é tua ùnica salvação. Deixa de ser instrumento para que o instrumento te pertença. Quero-te amo — não companheiro. O capital esplora-me — sò tu me fecundas. Sò a ti quero pertencer.

F. PI. Y ARSUAGA

LA MORTALITÁ DEI BAMBINI E LA CAUSA DEL PROLETARIATO

Un profondissimo studio ha fatto il professor Loria intorno a questo importante argomento, dimostrando a base di cifre e di documenti che l'ecesso di mortalità fra i bambini é un fenomeno particolare alle classi povere, mentre nelle classi agiate la mortalità infantile è presso che insignificante.

Nelle famiglie nobili di Germania per esempio, la mortalità dei bambini minori di 5 anni é del 5.7 per cento, mentre fra i poveri di Berlino sale a 34.5 per cento.

In Bruxelles la mortalità dei bambini minori di 5 anni, nelle famiglie di capitalisti, è del 5 per cento appena, mentre sale al 54 per cento nelle famiglie degli operai.

Se si considerano le cifre della mortalitá infantile in Inghilterra, la differenza apparirá anche maggiore; ma nel paese delle sterline la mortalitá dei bambini subisce un'influenza criminale che non è male far indicare.

Gli operai in Inghilterra hanno costume di assicurare per una certa somma la vita dei loro figliuoli col pretesto di sopperire alle spese funebri in caso di decesso.

Codesto uso determina molti genitori, snaturati dal bisogno, ad abbreviare la vita dei loro figliuoli, per guadagnare il capitale assicurato.

Questi fatti per sè soli sono più che sufficienti a dimostrare come l'attuale distribuzione della ricchezza crea non che un eccesso di godimento per i fortunati detentori della medesima, ma apre uno spaventoso abisso fra l'esistenza normale di questi e la esistenza martirizzata e minacciata di morte precoce dell'immensa maggioranza del genere umano. E questo è niente ancora se si consideri che le privazioui nelle cose più indispensabili all'esistenza portan seco la degradazione della coscienza e la degenerazione della razza umana.

Operários!
Lêde a LUTA PRÓLETÁRIA.

Spettabile Redazione della "Lucta Proletaria,,

CITTA'

La prego rendersi interprete, della mia più sincera congratulazione, verso la sua collaboratrice, che ha saputo sì nobilmente lanciare un appello **alle madri operaie,** il quale pur troppo è la vera espressione del dolore e dello sfruttamento inumano.

Io, per parte mia, non posso che approvare tutto quanto dice, e con ragione, la signorina *Aida L.* nel suo *appello* che solo noi, le madri, possiamo sentire e vedere le sofferenze e le oppressioni a cui son soggette le nostre povere ragazze. Io, però non ho mai permesso che la mia figlia (giacchè ne ho solo una) in qualunque officina, lavori oltre il ragionevole. La signorina *Aida L.* deve molto bene sapere, che non tutte le madri sanno venire in aiuto delle loro figliuole, e ciò devesi principalmente all' incoscienza e all'ingordigia di voler mettere da parte dei solderelli, alle spalle delle povere figlie ed esse poverine, non si accorgono che i loro veri sfruttatori sono i propri genitori.

Perdoni il disturbo e la ringrazio anticipatamente per lo spazio che certo non negherá ad

UNA MADRE

São Paulo 20-3-08.

SU COMPAGNI

Mi sembra di sentirmi rintronare ancora le orecchie dall'eco di questo inno cantato con tanto entusiasmo, mi tornano alla mente quelle parole: *su fratelli, su compagni*, ma l'eco e le parole passano e noi poveri cenciosi restiamo sempre giù.

Anch'io misero lavoratore della cazzuola ero pieno di entusiasmo, una volta, pei nostri inni e mi pareva che a forza di cantare si sarebbero facilmente attuati i nostri desideri.

Con un articolo dottrinario, una conferenza, un contradittorio, colla partecipazione alle lotte politiche tutto mi pareva, avrebbe dovuto svolgersi in breve periodo di tempo. Ma...illusioni!...Tutto è ancora al suo posto e noi lavoratori ci troviamo sempre nelle medesime condizioni. Nelle officine, sulle costruzioni, nei cantieri nulla o quasi nulla c'è di mutato. E dire che tanti dei miei compagni, ed un poco anch'io, credevamo che dopo aver conquistato le otto ore fossimo arrivati alla meta da noi tanto agognata.

Invece dopo questo piccolo miglioramento, dopo questo principio di lotta, quando mi trovo sul ponte intento al lavoro mi vedo intorno la rubiconda figura di un imprenditore o di un borghese che mi guarda e ride, ride perchè vede il suo capitale aumentare giorno per giorno, ride perchè vede in noi gli stessi schiavi di prima, colle medesime obbligazioni, coi soliti bisogni. Oh! miei cari compagni, quanta strada ancora da fare, quante energie da mettere ancora in opera! E voi non dovete dormire non potete ancora contentarvi. C'è ancora tanto da fare; resta anzi il più importante: dobbiamo emanciparci totalmente, ossia dobbiamo fare il possibile perchè non otto ne sette ne sei, ma neppure una ora del nostro lavoro vada a beneficio di questi fannulloni.

Non contentiamoci di cantare le rime di un inno qualunque, ma diciamo francamente, a testa alta ed a tutti che il prodotto del lavoro di ogni individuo deve andare a beneficio non di una sola classe di uomini ma di tutta l'umanità e che chi vuol vivere deve lavorare, perchè finchè ci saranno persone che ingrassano e si divertono alle nostre spalle noi operai, per quanto si voglia cantare le rime di quell'inno che è diventato oramai *lo sport*, il passatempo di tanti piccoli padroni—in verità non meno sfruttatori dei grandi—; di tanti industriali non meno strozzini, se, dicevo, noi ci limitiamo a gridare a squarciagola *su fratelli su compagni* resteremo sempre giù, giù, giù...

S. Paulo, 17-2-08

ALFREDO BENESTI
operaio muratore

A "La Pastina"

Questo compagno dice che lo si é detto tante volte che non si devono fare degli scioperi a base di sussidio: mi saprebbe dire La Pastina quali scioperi si son fatti senza denari?... Ma se si potesse fare sciopero solo quando l'operaio é cosciente che bisogno ci sarebbe delle leghe della federazioni? Le leghe e le federazioni ci sono appunto per catechizzare gl' incoscienti e all'atto pratico é necessario il danaro, e che sia necessario lo provano le grandi somme spese per sostenere degli scioperi che poi si sono persi.

Poi, uno sciopero parziale quale sacrificio può essere se la parte di compagni che lavorano facessero il loro dovere verso la lega, pagando una percentuale?.... Non è per causa dei denari che si perde, é perchè i denari si promettotono e non si danno, o si danno in malo modo da irritare gl'incoscienti, tanto da renderli *krumiri*. Poi, La Pastina loda i cappellai che si sono portati da eroi e con tutto ciò é finito come é finito. Come finito? Ma é proprio finito o siamo al principio della fine?...... I cappellai nel maggio passato in venti giorni hanno ottenuto le otto ore con aumento di salario in tutte le fabbriche di cappelli di S. Paolo, ora quattro fabbriche volevano rimangiare le loro riforme, due si sono ritirate alla prima scarica preferendo diplomatizzare sicuri di arrivar al suo intento per altre vie; le altre due hanno preferito fare un personale nuovo che pregiudica per un periodo di tempo le loro cose. Quando questi operai saranno abilitati verranno con noi pronti a rifare sciopero, con o senza denaro. In queste condizioni chi ha vinto?.... Chi ha perso? Ora (copritevi gli occhi) i cappellai pe sottrarsi a pagare i *krumiri* han fondato una fabbrica sociale che chiamano *cooperativa*, coll' intento, qualora debbano sostenere uno sciopero, invece che aiutare lo scioperante con denaro o con fagiuoli mandarlo là nella casa sociale a lavorare temporaneamente. Da dove scaturiscono queste idee?...... Scaturiscono dalla pratica, la quale dimostra che senza un sussidio ad una gran parte del personale in isciopero non si farebbe mai niente, e se il La Pastina é un *asceta* io lo riverisco, ma così non lo sono la maggior parte degli operai che i rapporti fra loro e la propria compagna non gli studiano sul Mathus.

Concludo col dire che, secondo me, gli scioperi non sono mai persi perché del danno alla borghesia se ne rende sempre, e la maggior parte degli scioperanti che restano vittime da quasi indifferenti diventano ribelli. Inquanto poi al vuotare la cassa delle altre Leghe non é con noi poiché la cassa dei cappellai fu sempre aperta a qualunque richiesta. Poi il presente sciopero non fu provocato dagli operai ma la dignità di questi fu offesa dai padroni.

Se il La Pastina rimpiangesse qualche testone dato in pró dei cappellai, non se ne dolga perché i cappellai sanno trar profitto anche dalle sconfitte tanto che certe sconfitte come questa toccata ai cappellai (secondo La Pastina) é invidiabile a qualche vittoria ottenuta da altre classi di lavoratori.

Dunque, in fatto di organizzazione, la classe dei cappellai ha una pratica di molti secoli e sà trar profitto da tutto.

FILODEMI.

Federação Operaria

Reunião do dia 18 de Março

Prezenceiam a reunião os operários que dezejavam fazer comunicações ao comité da Federação conforme publicação feita no numero passado do jornal.

As comunicações tinham relação com a boicotajem da «Casa Matarazzo». Disseram os companheiros que dezejavam saber da Federação em que ponto se acha àtualmente esta iniciativa, pois parece estar éle bastante esfriada.

Respondemos por nossa conta que a maior parte da culpa é precizo atribui-la aos operàrios, e particularmente aos socios mais ativos das Ligas, que se têm descuidado com a propaganda em favor da boicotajem, entretanto agradecemos a comunicação dos companheiros, que demonstram tomar a peito o nosso movimento e declarámos-lhes que na próssima reunião geral dos «Conselhos dos Sindicatos» a realizar-se na próssima segnnda feira discutiremos o meio mais pratico para dar á boicotajem novo impulso e nova àtividade.

Telegramas da semana

Pedroburgo 16. **Em toda a Russia foram hontem pronunciadas trinta e seis condenações a morte.**

—E' assim que os grandes assassinos procuram impedir ali a marcha do progresso. Quantos operários quantos lutadores têm sido assassinados pela burguezia russa na febre de reação? Milhares, pela certa! E dia a dia o numero aumenta com um crescendo assustador.

Oh! grandes canalhas, terá um dia bastantes forças que bastem pela nossa vingança?!

N. de R.

***

Londres, 13. A Camara rejeitou hoje com 265 votos contra 116 o projeto de lei em beneficio dos operarios sem trabalho.

—E' a tal coiza! Coitados de nós se nossas esperanças se limitassem a isto.

Mas assim não é: os operários inglezes como todo o proletariado do mundo têm outros meios para ajudar os companheiros dezocupados: a união, o agrupamento sindicalista que basta de por si para por remedio a este lamentavel estado de coizas

N. de R.

Por não ter querido ceder ás justas reclamações dos seus operarios;

Não ides trabalhar na fabrica de JOAQUIM DOS SANTOS MALTA.

Bazes do sindicalismo

O freio patriótico

Na direção civica, a burguezia escaltou a sentimentalidade patriótica. Os laços ideolójicos que ligam os homens nacidos, graças ao acazo entre as fronteiras variaveis dum territorio determinado, foram engrandecidos. Se disse que o mais belo dia da vida dum patriota é aquele em que êle tem o prazer de se fazer matar pela patria.

Essas prosopopeias eram para iludir o povo, impedindo-o de reflitir sobre o valor filozófico do virus moral que lhe inoculavam. Graças ao barulho das cornetas, dos tambores, dos cantos guerreiros e das fanfaronadas dos nativistas, amaestraram-no na arte de defender o que êle não tem: o *patrimonio*. O patriotismo só se esplica com um quinhão do haver social para todos os patriotas indistintamente. e nada mais absurdo que um *patriota* sem *patrimonio*. E' entretanto o que se decide a ser o proletário que não possue uma nesga de solo nacional; segue-se que o seu patriotismo é um efeito sem cauza, — um cazo patológico portanto.

No antigo rejime, a carreira militar era um oficio como qualquer outro (unicamente mais bárbaro) e o ezercito, onde muito poco se fazia vibrar a corda do patriotismo, era uma mixórdia de mercenarios «marchando» pela paga. Depois da Revolução, imaginou-se o *imposto de sangue*, o *serviço obrigatorio*... para o povo. Era uma dedução da ipóteze que, desde então, a pátria seria «de todos»; ora êla continuou a ser «de alguns», que graças ao novo sistema, rezolveram o problema de fazer protejer os próprios privilejos pelos outros! — pelos espoliados do patrimonio.

Aqui, com efeito, aparece uma formidavel contradição. Os laços de nacionalidade, — de que é fórma tanjivel a militarização — e que, segundo si diz, devem tender à defeza de interesses communs dão um rezultado diametralmente oposto: comprimem as aspirações da classe operària.

Não é tanto a fronteira ideilojica, encularrando os povos em inglezes, francezes, alemães, etc. que o ezercito vija; é principalmente a *fronteira da riqueza* afim de manter os pobres encurralados na mizeria. D'aqui rezulta que os sentimentos civicos são antisociais no mais alto grau; aceita-los como baze social seria votar-se á barbaria.

EMILIO POUGET

Abaixo o alcool!

O alcoolismo é infelizmente ainda uma das mais pernicíozas chagas da classe operária, arrastando alem de tudo um numero incalculavel de doenças, entre outras a terrivel tuberculoze.

Um medico fez investigaçoes estatisticas muito interessantes sobre a influencia do alcoolismo dos pais sobre a saude dos filhos.

Em 659 familias pôde classificar os genitores deste modo:

a) 183 não bebem;

b) 240 bebem moderadamente, menos dum litro de vinho por dia;

c) 133 bebem immoderadamente, mais dum litro;

d) 103 são bebados.

Ora, os cazos de tuberculoze ou de perturbações nervosas nos pais e nos filhos repartem-se da seguinte maneira em relação a 100:

Tuberculoze.

	a	*b*	*c*	*d*
No pai	4,3	5,8	10,1	13,6
Nos filhos	14,8	14,0	22,2	29,3

Perturbações nervozas.

	a	*b*	*c*	*d*
No pai	1,1	2,5	2,3	2,7
Nos filhos	7,9	13,6	17.2	24,2

Vê-se claramente que se acentuam as taras dum grupo para o outro.

E' pois rigorozamente esato dizer que combater o alcoolismo é combater a tuberculoze.

Por vossa saude e pela de vossos filhos, trabalhadores, não bebais alcool!

Todo homem que bebe é um desgraçado inconciente, é um mizero que se coloca á mesma altura que os irracionaes, é um homem perdido para a revolução.

Incapaz dum gesto de revolta, está disposto a desempenhar todos os baixos papeis de traidor e de espia.

Abaixo o alcool!

PELO ESTADO

Greve em Salto de Itú

Consta que os tecelões da fábrica de tecidos do Salto se declararam ha dias em greve, ezijindo que seja demitida a átual diretoria da fàbrica por ella ter querido diminuir o já mizerimo ordenado dos operários reduzindo a *quatro* os dias de trabalho de cada semana, sem naturalmente aumentar o preço da mão de obra.

Jundiaí

(CORRESPONDENTE) — Ha aqui em Jundiai uma alfaiataria chamada « Alfaiataria Paulista » cujo proprietario, tal Attiiio Cerri, é uma das mais grandes canalhas que ezistem no mundo. Os patrões são todos umas sanguesugas, isto é verdade, mas este passa todos os limites e esplora os operários de uma manera vergonhoza.

Trabalhava no seu laboratorio, ha muito tempo um mocinho aprendiz que com um trabalho de 14 horas conseguia confecionar um colete por cada dia. Este trabalho merece — e isto temo-lo afermado diversos operários alfaiates— uma remuneração de 1$500 a 2$000 diarios. Bom, aquêle grande patife, aquêle vampiro, aquêle esplorador sem vergonha teve a corajem de pagar o seu aprendiz com a quanlia de 5$000 mensais. Isto, naturalmente fez perder a paciencia a um outro oficial que alì trabalhava, o nosso companheiro Edoardo Pagano, o qual não podendo aturar semelhante velhacadez disse ao mocinho que estava no direito de reajir contra uma esploração tão in humuna e que devia esijir que o pagassem conforme o trabalho feito.

O senhor Cerri soube do *atrevimento* e despachou incontinenti o nosso cempanheiro por ter ouzado dizer o que qualquer homen de coração e de conciencia teria dito.

E' assim que em Jundiaí se respeitam os operários, é assim que procedem estes minuscolos *Czares* que se julgam no direito de considerar-nos como escravos. Mas o Senhor Cerri, cobarde como ninguem, fique sciente de que a nossa paciencia tem tambem um limite e que poderiamos lembrar-lhe algum epizodio da sua vida passada que aliás não é muito esplendida. E por hoje basta!

***

Tivemos aqui a *onrada* visita do Cav. Francesco Matarazzo que, pela certa, aqui veiu para fazer propaganda dos generos de sua produção.

Mas, desta vez o grande homem enganou-se Em Jundiaì sabem todos que os seus produtos são boicottados pela Federação Operária e êle deve ter feito um fiasco medonho. Aqui não se gastam os vossos genoros, senhor comendador; isto até V. S. criar juizo.

Balancetes

Liga dos Vidreiros e Anecsos de Agua Branca

Resumo dos balancetes desde Junho 1907 até Fevereiro 1908

ENTRADAS:

Mensalidades de Junho	—	214$000
» » Julho	—	243$500
» » Agosto	—	206$500
» » Setembro	—	232$500
» » Outubro	—	272$500
» » Novembro	—	285$500
» » Dezembro	—	222$000
» » Janeiro	—	234$500
» » Fevereiro	—	286$500
Total entradas	—	2 : 197$500

SAIDAS:

Despezas de Junho	—	158$000
» » Julho	—	124$500
» » Agosto	—	47$000
» » Setembro	—	67$700
» » Outubro	—	246$900
» » Novembro	—	76$500
» » Dezembro	—	87$400
» » Janeiro	—	121$100
» » Fevereiro	—	80$900
Total Saidas	—	1 : 010$000
Em caixa em Fevereiro	—	1 : 187$500

Sindicatos do Trabalhadores em pedra granito

Tendo sido deliberado na ultima assembleia que as nossas reuniões devem ser realizadas de ora em avante na segunda quinta-feira de cada mez, avizamos os nossos socios que a assembleia geral ordinaria de Abril terá logar na primeira quinta feira por ser a segunda dia feriado.

Novamente convidamos todos os trabalhadores em pedreiras de aderir ao Sindicato vendo fortalecer a nossa união, pois ninguem deve ignorar as grandes vantajens que a nós e a nossa classe pedem vir pela união de todos os trabalhadores do nosso oficio. Qualquer informação pode ser pedida á nossa sede «Largo do Riachuelo 7 Sobrado».

***

União dos Sindicatos

Na reunião ordinaria do dia 16 do corrente foe deliberado de chamar a uma reunião geral todas as comissões dos sindicatos de S. Paulo para discutir a respeito da comemoração do primeiro aniversario das 8 horas em S. Paulo.

A liberdade é o maior bem que possuímos sobre a terra, e uma vez violado o direito que tem a personalidape de ajir, o homem, para conquista-la, é capaz be tudo: de um momento para outro ele, que dantes era um covarde, torna-se um heroe, ele, que dantes era a inércia, se multiplica e se subdivide; e ainda mesmo esmagado pelo pezo da dor e das persegnições, ainda mesmo reduzido a morrer, de suas cinzas renace sempre mais bela e mais pura liberdade.

M. DEODORO DA FONSECA.

Reùniões

***Alfaiates de encomenda.* Assembleia geral na segunda feira 23 do corrente as 7 e meia da noite, para discutir de coizas muito importantes.**

***

Todas as Comissões dos Sindicatos de S. Paulo são convidadas para uma reunião geral na Segunda feira 23 as 7 e meia da noite.

Subscrição pró "Luta„

Jundiai

Alessandro Bravo 3$; Aleardo Borim 2$; Felice Ferrazzini 1$500; Andrea Ciccomartini, Pellegrino Milani, Luigi Pedroni, Antonio J. Garcia, Miguel Giuntini, Aristide Sacchetto, José Cambraia, Anónimo, Gaetaño Nacarato e Salvatore D'ambrosio 1$ cada um; Pedro Marraro $6; João Zanirato, Angelici Luigi, Antonio Marcilio, Carlos Auversa, Zanirato Santo, Santi Nicoletti, Giolo Luigi, Antonio, Aristide Sacchi, Gaetano Gennari, Severino Chiavelli, Angelo Beltrami, Stefano Barbieri, Pedio Taddei, Giglio Cagtiglione e Antonio Figueiredo $500 cada um; Mendoni, Francesco Poltronieri e Gustavo $200 cada um.

Total .... 25$700

Rio de Janeiro

Sindicato dos Empregados Domesticos.. 5$

Total .... 30$700

FOLHETIM N. 8

O DIA DE 8 HORAS

Tradução da brochura editada pela Confederação Geral do Trabalho de França

Por isso é que devemos considerar a conquista da JORNADA DE OITO HORAS, não como um fim definitivo mas simplesmente como um ponto de passagem na luta contra a Exploração Humana.

Não esqueçamos isto: não é d'um excesso de mizeria que ha de sair a nossa emancipação, mas sim d'um habito cada vez mais crescente de maior Liberdade e maior Bem-estar.

Actualmente, estenuado de fadiga por jornadas demasiadamente longas, o trabalhador pensa, antes de tudo em reparar as suas forças fizicas, de modo que esteja pronto para recomeçar a sua tarefa, no dia seguinte.

Quando pode elle instruir-se? Quando pode frequentar os cursos, as reuniões, as universidades populares? Quando pode ir ao sindicato receber na companhia dos camaradas o reconforto que se depreende da solidariedade operaria?

Todo o minuto roubado ás suas horas de sono tem repercussão no dia seguinte e apezar dos seus dezejos, elle é obrigado a abandonar as preocupações inteletuais e sociaeis.

Com a JORNADA DE OITO HORAS, pelo contrario, tem a possibilidade material de reflectir sobre as condições de esploração que o Capitalismo lhe impõe; pode pensar na defeza dos seus interesses de Classe; instrue-se, desevolve-se intelecto e moralmente.

Um ezemplo innegavel dos beneficios das curtas jornadas é-nos dado pela Bretanha, onde, nestes ultimos tempos, a propaganda sindicalista fez tão rapidos progressos.

Brest e Lorient são focos vivificantes d'onde irradia sobre a velha terra d'America, tão recoberta de prejuizos, a lua revolucionaria. Ora, os mais activos militantes são na maior parte, companheiros dos Arsenaes de Marinha do Estado, os quais, gozando a JORNADA DE OITO HORAS, podem, depois do trabalho dar o seu tempo á propaganda.

Assim, evidencia-se que a diminuição das horas de trabalho é uma aquisição revolucionaria. E é justamente porque as CURTAS JORNADAS favorecem o desenvolvimento do espirito de revolta, que os recusam tão obstinadamente a suportal-a.

Mais uma rasão para que a imponhamos!

Portanto, companheiros de trabalho, preparemo-nos!

Todos á acção!

Que ninguem consinta em trabalhar mais que OITO HORAS!

Tu tambem, companheiro que acabas de ler a prezente brochura. Agirás comnosco. Eu não virás só. Trabalharás entre os teus, para convencer os indecizos e os indiferentes, da necessidade de tomarem parte neste movimento de reivindicação solidaria.

Sim! camarada, depois de te convencêres a ti proprio, esfoçar-te-ás por convencer os teus amigos, os teus companheiros de trabalho.

Dir-lhes-ás quais as nossas esperanças e explicar-lhes-ás qu ese não houve rezitantes e todos, um ardôr solidario afirmarmos a nossa vontade de não trabalhar mais que OITO HORAS. a JORNADA DE OITO HORAS será conquistada.

Devemos ser numerosos. E sê-lo-emos!

Diante da nossa vontade, tornada irresistivel pela nossa intima solidariedade, os patrõis serão obrigados a conceder a melhoria exigida.

De nada lhes valeria opôrem-se a isso. A sua obstinação só poderia ser-lhes prejudicial: elles não pódem passar sem nós e nós podemos passar sem elles. De facto, a sua riqueza não é senão o produto do nosso trabalho; portanto, se não trabalharmos para elles, elles não pódem viver.

Têm-nos prégado que o patrão é que fáz viver o operario, dando-lhe trabalho!... E acreditámos nesta mentira. O contrario é que é verdadeiro: é o operario que trabalhando por conta do patrão, o alimenta e enriquece,

Lógo, O TRABALGO DEVE SER tudo!... Ha de vir um dia em que elle o será.

Nesse dia, sabendo qual é a nossa força e o nosso poder, recusar-nos-emos completamente a trabalhar por conta do Capital. Será a Gréve Geral!

Então, procederemos á espropriação da Classe Burgueza e apossando-nos das riquezas que nós criámos, realizaremos, um mundo nôvo, estabelecido sobre bases equitativas. Em cima das ruinas da sociedade centralizadora—burgueza e estatista—que sofremos, instaurar-se-á um federalismo economico tendo por essencia a autonomia do individuo.

Esta sociedade em que o sêr humano terá as suas plenas satisfações, em que elle estará livre de todos os constrangimentos, será fatalmente uma sociedade comunista. E' só nella e por ella que poderá ser materializada a formula luminosa:

BEM ESTAR E LIBERDADE. Ora, a conquista da JORNADA DE OITO HORAS é um avanço para este ideal.

A Revolução emancipadora não virá dum escésso de mizeria; será preparada e tornada possivel por uma ascensão continua e crescente de bem-estar e de liberdade.

A JORNADA DE OITO HORAS é uma passagem: transponhamo-la!

Mas não julguemos que se deva repousar em seguida. A Acção é o sal da Vida. E' nos precizo agir, agir sempre, tendo em vista que a realização da JORNADA DE OITO HORAS não modificará as relações sociais: o Salariato continuará a esistir... e só a sua supressão compléta nos poderá satisfazer.

A JORNADA DE OITO ORAS, è uma atenuação dos males que podecemos.

TRABALHAR OITO HORAS, NO MAXIMO, é melhorar-se fizicamente, intelectualmente, moralmente; é evitar as doenças geradas pela fadiga e pelo excésso de trabalho; é reduzir o alcoolismo; é, mercê do repouzo, que será a consequencia da curta jornada, termos a facilidade d'instruir-nos e d'educar-nos.

(*Continúa*)